

A dicotomia existente entre as duas instituições cuja defesa impulsionou a fundação da Liga dos Estados Árabes –o pan-arabismo e a soberania estatal- cria um obstáculo evidente à institucionalização do Sistema Árabe de Estados e à atuação política da Liga. Os esforços de tal Organização em manter a unidade regional e em promover projetos de cooperação mostraram-se ineficientes também devido às próprias divisões políticas e sociais intra-árabes. De tal forma, a inoperância histórica fundada em contradições institucionais e intramembros opõe-se a uma postura proativa no que tange a resposta da Liga aos levantes da Primavera Árabe, em especial na Líbia e na Síria, sendo esta a problemática do trabalho. Após uma inicial marginalização, em março de 2011, a Organização emitiu decisão reivindicando a implementação de uma zona de exclusão aérea sobre a Líbia, dando margem à Resolução 1973 do Conselho de Segurança da ONU e à atuação da OTAN. Em novembro do mesmo ano, a Liga suspendeu a adesão síria, adotou sanções econômicas contra o governo de Bashar al Assad e propôs um plano para transferência do poder do atual presidente para um governo interino, fazendo lobby em vão pela sua adoção pelo Conselho de Segurança. A política em relação aos dois países sinaliza uma mudança significativa da tradicional ênfase na inviolabilidade da “soberania nacional” dos Estados-membros; ademais, não vai ao encontro de uma política arabista, ao passo que aparenta ser motivada mais por interesses individuais de seus principais membros, que em prol de uma verdadeira integração árabe. Nesses termos, a atual postura da Liga subverte as duas instituições da tradicional dicotomia.

O presente trabalho tem por objetivo analisar as novas tendências engendradas pelo papel assertivo desempenhado pela Liga dos Estados Árabes frente aos acontecimentos na Líbia e na Síria entre 2011 e 2012. Busca-se definir se a habitual inoperância da Liga terá como antítese sua emergência como um ator regional significativo, analisando-se –para tanto- suas atuais políticas, podendo estas refletir uma conjuntura ou uma tendência de longo prazo. A metodologia do trabalho se baseia na revisão bibliográfica e no acompanhamento dos acontecimentos nos países envolvidos nos quadros da Liga Árabe, em especial Líbia e Síria.

Como conclusão parcial, podemos observar que o retraimento do Egito devido a sua crise política permitiu uma maior atuação dos Estados do Golfo –particularmente Arábia Saudita e Qatar- dentro da Liga Árabe. Tal situação pode explicar a atual política de enfrentamento da Organização em relação ao governo sírio, pró-iraniano. Esse fato, porém, aparenta ser conjuntural, ao passo que uma mudança na presidência rotativa (atualmente a cargo do Qatar) pode alterar as bases da política da Organização. Por outro lado, a retórica humanitária da Liga esconde uma preocupação de seus principais membros com a distribuição geopolítica de poder, em especial em vista da competição pela liderança regional com a Turquia, entusiasta das manifestações populares. Tal fato, porém, aparenta revelar a continuidade de uma tendência: a fragmentação e a desintegração dos seus Estados-membros em vista da competição regional.